

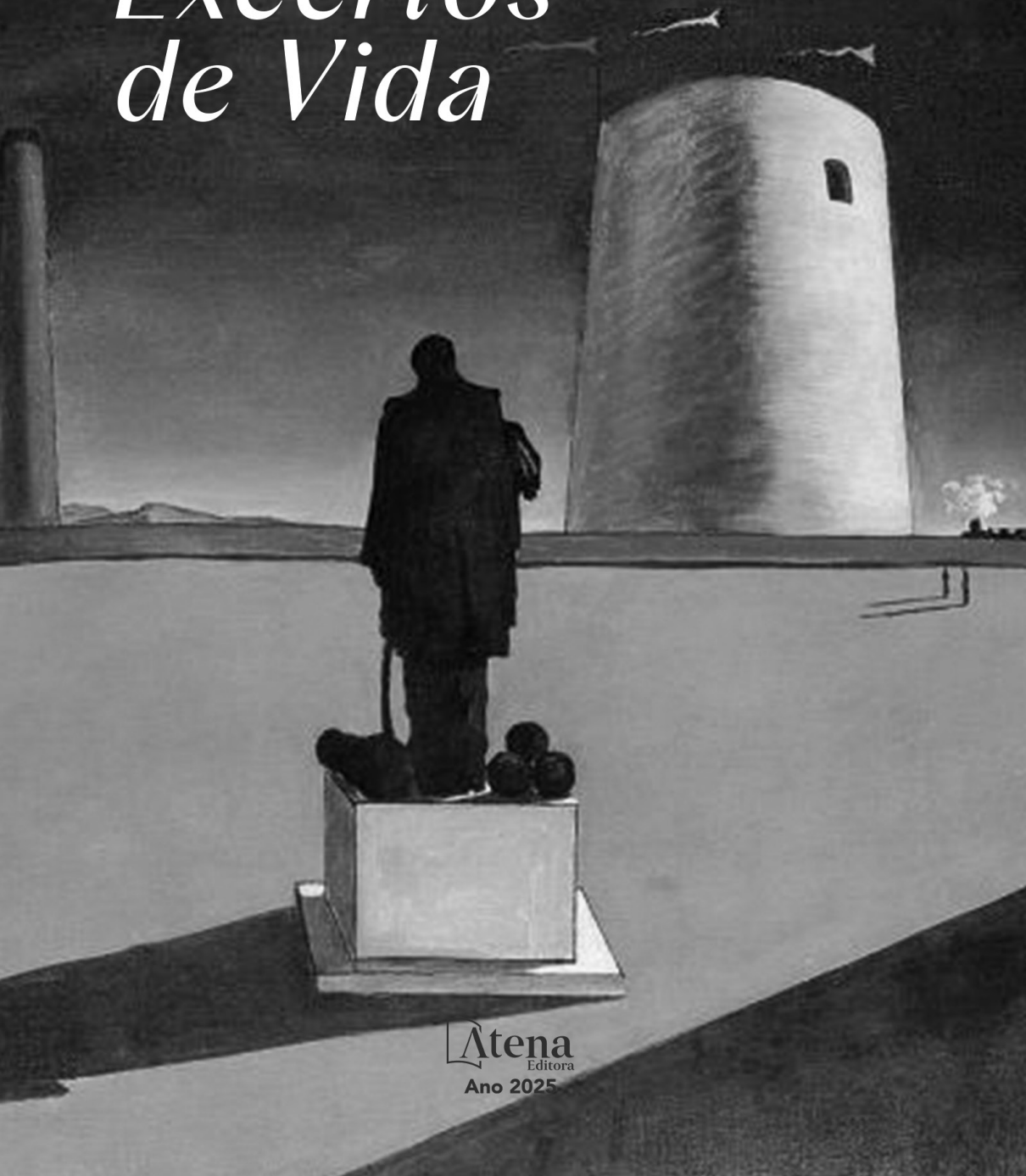
Hermes Urebe Guimaraes

Excertos de Vida



Hermes Urebe Guimaraes

Excertos de Vida



Atena
Editora
Ano 2025

Editora chefeProf^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira**Editora executiva**

Natalia Oliveira Scheffer

Assistente editorial

Flávia Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Nataly Evilin Gayde

Thamires Camili Gayde

Vilmar Linhares de Lara Junior

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Yago Raphael Massuqueto Rocha

2025 by Atena Editora

Copyright © 2025 Atena Editora

Copyright do texto © 2025, o autor

Copyright da edição © 2025, Atena

Editora

Os direitos desta edição foram cedidos à Atena Editora pelo autor.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

A Atena Editora mantém um compromisso firme com a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, assegurando que os padrões éticos e acadêmicos sejam rigorosamente cumpridos. Adota políticas para prevenir e combater práticas como plágio, manipulação ou falsificação de dados e resultados, bem como quaisquer interferências indevidas de interesses financeiros ou institucionais. Qualquer suspeita de má conduta científica é tratada com máxima seriedade e será investigada de acordo com os mais elevados padrões de rigor acadêmico, transparência e ética.

O conteúdo da obra e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade, são de responsabilidade exclusiva do autor, não representando necessariamente a posição oficial da Atena Editora. O download, compartilhamento, adaptação e reutilização desta obra são permitidos para quaisquer fins, desde que seja atribuída a devida autoria e referência à editora, conforme os termos da Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

Os trabalhos nacionais foram submetidos à avaliação cega por pares, realizada pelos membros do Conselho Editorial da editora, enquanto os internacionais passaram por avaliação de pareceristas externos. Todos foram aprovados para publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Excertos de vida

Autor: Hermes Urebe Guimarães
Revisão: O autor
Diagramação: Thamires Camili Gayde
Capa: Yago Raphael Massuqueto Rocha
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
G963	<p>Guimarães, Hermes Urebe Excertos de vida / Hermes Urebe Guimarães. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2024.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-3456-6 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.566250506</p> <p>1. Ensaaios. 2. Literatura brasileira. I. Guimarães, Hermes Urebe. II. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 869.41</p>
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
+55 (42) 3323-5493
+55 (42) 99955-2866
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DO AUTOR

Para fins desta declaração, o termo 'autor' é utilizado de forma neutra, sem distinção de gênero ou número, salvo indicação em contrário. Da mesma forma, o termo 'obra' refere-se a qualquer versão ou formato da criação literária, incluindo, mas não se limitando a artigos, e-books, conteúdos on-line, acesso aberto, impressos e comercializados, independentemente do número de títulos ou volumes. O autor desta obra declara, para todos os fins, que: 1. Não possui qualquer interesse comercial que constitua conflito de interesses em relação à publicação; 2. Participou ativamente da elaboração da obra; 3. O conteúdo está isento de dados e/ou resultados fraudulentos, todas as fontes de financiamento foram devidamente informadas e dados e interpretações de outras pesquisas foram corretamente citados e referenciados; 4. Autoriza integralmente a edição e publicação, abrangendo os registros legais, produção visual e gráfica, bem como o lançamento e a divulgação, conforme os critérios da Atena Editora; 5. Declara ciência de que a publicação será em acesso aberto, podendo ser compartilhada, armazenada e disponibilizada em repositórios digitais, conforme os termos da Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). 6. Assume total responsabilidade pelo conteúdo da obra, incluindo originalidade, veracidade das informações, opiniões expressas e eventuais implicações legais decorrentes da publicação.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação está licenciada sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0), que permite copiar, distribuir, exibir, executar, adaptar e criar obras derivadas para quaisquer fins, inclusive comerciais, desde que sejam atribuídos os devidos créditos ao(s) autor(es) e à editora. Esta licença substitui a lógica de cessão exclusiva de direitos autorais prevista na Lei 9610/98, aplicando-se os princípios do acesso aberto; 2. Os autores mantêm integralmente seus direitos autorais e são incentivados a divulgar a obra em repositórios institucionais e plataformas digitais, sempre com a devida atribuição de autoria e referência à editora, em conformidade com os termos da CC BY 4.0.; 3. A editora reserva-se o direito de disponibilizar a publicação em seu site, aplicativo e demais plataformas, bem como de comercializar exemplares impressos ou digitais, quando aplicável. Em casos de comercialização direta (por meio de livrarias, distribuidores ou plataformas parceiras), o repasse dos direitos autorais será realizado conforme as condições estabelecidas em contrato específico entre as partes; 4. Em conformidade com a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), a editora não cede, comercializa ou autoriza o uso de dados pessoais dos autores para finalidades que não tenham relação direta com a divulgação desta obra e seu processo editorial.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal de Uberlândia

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo

Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miraniilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Prof. Dr. Sérgio Nunes de Jesus – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Rondônia

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Thiago Barbosa Soares – Universidade Federal do Tocantins

O presente livro reúne anseios e devaneios de um constante pensar, diluído em transgressões axiomáticas com o fito elusivo de socorrer pelo desespero, pelo despreparo. O que for possível dele extrair, ausente contaminação ideária, pode em potencial se tornar material de interesse para os espíritos inquietos.

1	1
AIA.....	2
AO DIX BAR	3
CAMPONÊS	4
CÁRCERES.....	5
COMPROMISSOS SUSPENSOS	6
CRIANÇA QUE NÃO SABE MORRER	7
CÚBITO	8
DODECAFONISMO.....	9
EM RESPEITO À AUTORIDADE.....	10
ENSAIO.....	11
DEVANEIOS	12
A LINGUAGEM.....	13
FUTURO DO PRETÉRITO	14
MOVIMENTO EM UM ATO	16
O COPO D'ÁGUA	17
ODE A UMA MULHER	18
PROJETOR DE SLIDES.....	19
QUEM ESCRIVE TEXTO É NARRADOR	20
RESUMO DO TEMPO.....	21
ÚLTIMA POESIA	22
V	23
VIDA BANAL	24
VITA BREVIS, ARS LONGA.....	25
TRÍPTICO.....	26
OPERAÇÃO ARITMÉTICA	27
A LÁGRIMA DE UMA ESTRELA.....	28

HORA CONSOANTE	29
?	30
LULLABY	31
SOL HIEMAL.....	32
08.04	33
A PARTIR DE UMA IDÉIA	34
A PORTA DA LUZ	35
AS IRONIAS SEMÂNTICAS	36
BÍBLIA	37
INTERMISSION	38
LEMBRANÇAS	39
28.10.21.....	40
PALIMPSESTO	41
PEQUENAS GRANDEZAS.....	43
PROPÓSITO, DESÍGNIO E DOM	44
SONHOS I.....	45
SONHOS II	46
VERSÃO 1	47
VERSÃO 2	48
VOZ	49

Luz parálitica, mofa em cavidades bucais os sentimentos nos quais goza a solidude, desanuvia a saga dos épicos; com o malograr do tédio, erra à incerteza, por bestial e celeste compõe-se sua natureza.

Luz que aleijo em bem-estar, as letras têm como fim ludibriar ou educar. As letras têm como fim, o fim da própria humanidade, e na fronteira desistem.

E tu, Luz, existes mesmo dentro de ti, e a ti te geras na absurda ficção da alma.

O jornal matutino tarda a chegar —seria uma solução pontual; há a quem apeteça, não a mim—, creio ser um bom horário para se saber a cotação da moeda corrente com relação à menos suscetível a especulações.

Parece um intervalo proposital, um crescendo para desaguar em um *gran finale*, talvez isso faça com que eu me sinta no direito de exortar ordens arbitrárias, talvez permita aos leitores a faculdade do perdão, talvez isso faça com que eu me sinta no direito de exortar ordens arbitrárias:

Peça-me para te engolir enquanto gracejas a vida que é capaz de conceber, peça para eu me trair enquanto não te amar, ou rescinde nossa paixão com a tua ignomínia autêntica.

AIA

À noite fico esperando Pai igual à natureza, então, Pai chega feliz e se acomoda em mim todo pesado, outras vezes quase sem peso.

Estarrece-se sua mandíbula, avigora-se seu sopro seminal, e a velocidade de seu amor desabrocha. Eu logo me encolho, porque é assim que Pai gosta.

Mas já tão logo não há ar que dê conta da respiração sua. Cansado, agora prefere me abraçar a qualquer outro desprazer. Despenca em ardentes suspiros que já não queimam mais.

Tenho-o como general, e filho lactente.

AO DIX BAR

São números cuja satisfação encontra-se no meu extenuar, brotam da reminiscência privada, deságuam (entre uma sessão de cinema experimental e o compromisso com o desvario) nas gravuras de Otto, por instigarem a curiosidade do presente desconhecido.

Hoje, quase um dia de superstições, escrevo a linha conseguinte incorporando a pachorra de aniquilar a predecessora; confio-lhe uma condição da minha arte.

Por favor, garçom, não me lembre de mim mesmo enquanto corpo físico, faltam um chope e a catraca da São Bento.

CAMPONÊS

Que descalço a calejar escritas, que desnudo a gripar ou molhar, que do uso do corpo sinta doer; mais belo calvário logro esposar. Sigo meu caminho, e sorri-me ironicamente o calendário, a lembrar a fatalidade de suas datas. Ah! Que espere o chamado da vitória, pois meus membros movem-se arbitrariamente, também meu sangue foi compartilhado, e não ouse orgulho sem quaisquer habilidades findas.

Ainda me ponho a fumar, tanto sei, e baforar simplesmente uma fumaça vazia de sentido. Sobre os calcanhares avistar incêndios, projetar-me em seus fulcros, sentir-me queimar e desfigurar. São gritos agonizantes, insuportáveis, batem forte como coices em meus ouvidos. Gostaria de me submeter aos meus próprios urros, escutá-los tal e qual fosse eu uma caixa acústica, mas eles são refletidos na bolha a qual sou refém e retornam em um espancamento incessante para mim.

Volto à amargura exalada das minhas unhas sujas de terra, ou ao amor que cessou de querer, busco nostalgias de rancor, onde se agregam os valores e os prantos. Saboreio o azedume da manteiga, o perfume de mofo, converso com as pessoas que me rodeiam.

CÁRCERES

Um tiro a ressoar no papel.

Máscara *commedia del'arte*, saia nô em busto desnu.

Compassados três estrondos no sangue do papel.

Soluça a noite de sombras crispadas.

O rufar de horrores desaba a porta do catre, e a máscara do impossível nariz vermelho narra em gritos compostos de outros prantos, de outras represálias, sua incomensurável paralisia.

COMPROMISSOS SUSPENSOS

Às vezes perdemos o que nem queremos, e prosseguimos com algum verdadeiro amor, mas é somente uma vida. Pode, no entanto, pestanejar um vermelho quase transparente, que seria azul-marinho; um vermelho quase mudo, que seria verde escuro.

Roubar do idílio primata a vertigem caduca, condenar à altura de um golpe cardíaco, ou levitá-la, ou com ganchos erguê-la.

Compromissos cujo cumprimento desata na perda de meu filho, mulher. Cessação da qual se desconhece a vergonha.

Não repita a sombra que carrego por essas incertezas.

CRIANÇA QUE NÃO SABE MORRER

Bastavam-lhe apenas seus precoces anos de infância para saber existir na ausência a possibilidade de uma forma pura de harmonia, capacitada a prescindir, com extrema resolução, de todos haveres em igual proporção e total quantidade, com exceção de um obstinado silêncio sem tempo, e, do lapso primeiro de vertigem adquirida pela incursão nos meandros de si.

Quando dos pequenos sonhos flutuantes e transparentes, consentia parir-se copiosamente, com particularidades peculiares a cada nascimento; pensava ser um atributo humano, tampouco por ilusão imatura, tampouco por crença humanitarista, ademais, acreditava ter estruturado um monumento de entendimentos, composto por sistemas abertos, compostos por variantes, essas, indeterminadas.

CÚBITO

Começo a escrever assim mesmo, encontrando-me doente; creio que minha percepção esteja afetada, são reações de um corpo debilitado exposto às intempéries da razão, aquela afetada constantemente por deslizos lógicos ou de léxico, da prepotência ou da avidez pelo fim. Pode até mesmo ser uma doença real e palpável, posso inclusive acreditar na sua propagação e concluir —com a ajuda das falhas teóricas esquecidas— a existência de uma relação causa e efeito, na qual os culpados são seres vivos, por isso sarcásticos. Culpa: culpa de atormentar minha paz, meu bem-estar, de agir à surdina provocando danos a uma moral própria, enfim distinta, contudo, incompleta, de me soerguer a um estado inferior, insuportável, não dentro de seus limites, daquilo demarcado com repugnância, porém unicamente como chaga, fardo, como olor tênue de tecido epitelial carcomido em sonhos lacerados, concreto, absoluto.

DODECAFONISMO

Teus inimigos restam mortos.

Tuas paixões, sepultadas.

Amantes, desvanecidos.

Ódios, frustrados.

E, no entanto, mas sobretudo, persisto em nos apumar como interlocutores de um conhecimento. Eu, tua fluída consciência; tu, leitor de meus pensamentos. Poder-se-ia discutir nesse comenos, a razão do importuno e, tu não saberias me distinguir. Percebe em uma contagem regressiva, que nesse ato se inscrevem diálogos abertos entre duplos de ti; sente com veemência o olor da mágoa advinda da inépcia criativa; rasga o ventre das infâmias supuradas, que do abscesso explodem em irascíveis melodias.

Seu vago alvorecer faz-me perquirir se acaso visto sentimentos mortuários, adornados com fetiches suicidas em regozijos pueris. Somente uma idéia furtiva, fato híbrido da não convivência, esqueça.

Tu, a ti apunhalas. Todavia, te subtraís de mim —seja isso pelo fulgor restritivo enganoso, arraigado entre teus gestos comedidos e opiniões consensuais. Admiro quem fosses no superlativo da quinta-essência; dançamos os beijos fincados e os sexos celestiais de pensamentos.

Termo do meu pavor realizou, ou sou ainda peça literária de valor duvidoso. Mormente selvagem, colimo apurar esse luto eterno. Um fim; inexorável antever o fenecimento dos meus ápices de genialidade, por fraquejar quando capaz, por exacerbar debilidades humanas na transgressão aviltante dos homens de bem.

Esgueirar as vergonhas de plástico, negligenciar a sedimentação dos resíduos, e então transmutar-se no sobejo de ninguém, naquilo que excede o preciso no senso relativo ao obstáculo, ao pormenor, à necessidade e à questão vital.

EM RESPEITO À AUTORIDADE

Havendo-me na instância de um choro desesperado, aflito consenti em estar, por sofrer de repressão vituperei meu ego, escarnei a mentira. Do grito lógico natural vivi maus-tratos à pele, aos ossos, espancamentos à índole, a tudo que por benevolência arquiteta um espírito dócil em mim. E, ao notarem minhas lágrimas condoídas, expeliram ordens autárquicas cujo sabor me era obrigado engolir, cagaram da existência. Porque conseguem machucar ainda nas sombras de meus amores.

Não desejei estado febril de intolerância —revogando a sapiência ao conceber espíritos animalescos, única e simplesmente—, mesmo na categoria de aborto incondicional, sempre fiel em não abarcar religiões estive amaro silêncio. Assim pois, entendi a qualidade do que é jovem, na sua mais bela acepção, soçobrar em soluços vertiginosos, sangrar à morte, sufocada pelo negrume vital vertido da boca de alguém, cuja identidade me foge a lembrança. Mas, tão somente pela idéia esboça-se a dramaticidade, solidude do descompasso entre tablado e tacões ardorosos. Embevecer-se jamais assaz freqüente, em ressentir na cólera a aptidão verdadeira dos moribundos.

Talvez seja necessário discernir as elucubrações dos intelectuais quanto à noção de liberdade da puramente factual, daquela que se repugnada e restringida por entidade alheia, recai em ânsia de suicídio anômico —obviamente lançado fora das amarras de *Durkheim*. A primeira escrutina os valores sociais, suas interdependências, suas causas e efeitos; a conseguinte esquadrinha o motivo da sobrevida. O movimento racional a se perfazer jaz constituído do entendimento de indivíduo, tal como arte e brilho, expandindo-se então para a crença na coletividade amoral, mas sobretudo no auxílio pesaroso. Enfim —faço aqui a transposição galicista filológica, na origem fatal latina—, por desgraça imerge na dissolução instaurada por leis extremadas, séquitos ineptos; exaure-se de seu antigo esplendor, torna-se inquebrantável.

Em absoluto seja isso apologia a algum tipo de governo, pois que a miséria abandona à dor suas chagas. E se se prossegue, falha-me a ilusão. Bem compreendo, e escolho por mais uma vez teu eu.

ENSAIO

Situando-me em um tempo paralelo ao meu, contudo ainda meu, desfrutando depressões predecessoras de surtos, perdi a seiva da verve. Para eu retomar um quinhão de liberdade, hei de perecer nesse por detrás das idéias, onde as correlações artísticas acontecem —onde seja possível aproximar um conceito cinematográfico à cultura comportamental dos bárbaros, ou uma vida de esbórnias às obras pictóricas orientais—, e redimir os escrúpulos da amizade.

Hoje, com um certo esmero, aprecio em segredo a presunção proporcionada pela vida desregrada de literato boêmio, tenho boas lembranças dos amigos falecidos, artistas desenganados —todos, medíocres de trabalhos inexpressivos—, apesar de não me sentir confortável ao lado dos viventes. Isso se faz inequivocamente relevável (a pulsão furtiva que me impele ao abstruso).

Ou estupefato vejo meus chinelos de pelica, de um rigor impecável, isso tenha certeza, no entanto, quão corrompidas se encontram minhas frieiras, ou refaço teorias lingüísticas, próprias minhas. Essas risadas são a prova da desilusão.

Com empenho —compreensão—, legarei a concepção acerca de uma literatura efusiva, mesmo que não haja textos em sua linguagem, mesmo que não seja capaz de produzi-los. Espere. A idade força a deturpação da lucidez.

DEVANEIOS

Ao me ver regredido em infante, violei meu lento afogamento nas vagas noturnas com *sketches* cômicos; engolindo rabiscos de sal pude imprimir a força do rotor de meu mundo. Talvez nunca esqueça o padre nosso, sabiamente devido às hóstias frescas e ao vinho da Borgonha, ora por sua tez pálida rubra, ora pelo porco criado. Nem bem ouço o verão, nem bem tocam os violinos. Parece orgulho materno. Nomes de mulheres. Nomes de homens. Desde a nossa última contenda...

...Está errado. Jamais. Foram simplesmente flores.

A LINGUAGEM

Mea culpa, mea máxima culpa, se paulatino reconsidero todas as manifestações do belo, se convicto as achaco de fastio e horror. Mesmo as minhas poesias, obras em que a propensão de estima se desvia da norma, encontram o desagrado. Então, por entender a trama textual como uma tradução das montagens de nós entre palavras, não meramente a rugosidade da superfície, não tão-somente o entrelaçamento dos fios que compõe todo o discurso, mas um aumento de significância conjuntamente ao desapego de suas acepções metafóricas, tenciono me exaurir.

Esses poucos nós que se enxergam e se distinguem pontualmente, almejam ser um texto além, composto unicamente por nós. Um único e imenso nó, incompreensível e absurdo.

Com glória, anuncio a impossibilidade da leitura formal, ou patética.

FUTURO DO PRETÉRITO

As realidades das quais me afastei, dependiam de um pretérito imperfeito e subjugado —indisponho-me ao purismo negligenciando a concordância. Não digo em tom saudosista, ainda menos de arrependimento, somente tenho por intenção desvendar cada partícula de uma ação parelha inconclusa, e assim construir outras histórias de mim. Da ganância me exclui, da humildade me fiz rir, e do medo suportei, entanto não bastasse para o desgosto prazenteiro de me exprimir. Solver-me em sal plangido, estacar às perdas contidas nas memórias de um longo filme, tornar as feridas um presente do pretérito; ter um projeto de vida, planejar como despendar as economias, tornar a ilusão um presente do futuro.

E fui mendigo trajando cartões de visita, quadras ao gosto erudito, paradoxos e aporias. Tenaz nas minhas convicções, um completo idiota, rigoroso quanto aos princípios e às farsas, um vício de comediante.

Suplicasse ao temido do homem, ou
Violasse os credos, ainda
Permaneceria o mesmo destino, ou
Desencadearia os mesmos acasos.

Fomentasse discórdia
Tomaria o poder
Regressasse da paixão
Embriagaria os instintos

Esquecesse dos compromissos
Envelheceria leviano
Faria descaso
Fosse necessário

Saberia respeitar o cheiro de sexo
Compreenderia os ardis do conhecimento
Engravidaria a mulher estéril
Haveria dormido

Nas malhas das cirandas correr desesperado, pois que seja mera ventania de um mundo sem precedentes, tanto quanto irreal.

Hemorragia Tradição Central

Para aonde escoe infecção,
Entranhas em sangria abjeta.
Desse negro coágulo à véspera de ressequir-se,
Na ânsia inescrupulosa
De um canto parido e regurgitado de cisne,
Permanece a infatigável fetidez dejetada.

Do intestino grosso,
Desnudo pela corrosiva ação de ácidos levianos,
Remoer protozoários lançados pela janela do ônibus.

Nos seus rasgos oriundos de frieiras periféricas,
Depósito transbordante dos bernes crescidos,
Explodem dos ovos, larval cultura incompreendida.

Seu cancro quer expor fraturas não defuntas,
Para a boa sorte as ver falecer.

Zigoto natimorto,
Flutuando em secreções endócrinas
Ainda retira sustento pelos restos de deglutição
Ora tornados fecais.

Ato autofágico.

Ei-lo!
Progredindo
Inconsistência,
E insistência.
Um tumor maligno,
corrimento vaginal,
Cadáver a se prenciar
Pelos excrementos com odor de química,
Pelos parcos recursos vocais de uma glote sufocada.
Aneurisma no colhão.

Oxalá a homeopatia eficácia retorne.

MOVIMENTO EM UM ATO

Esta música é uma compaixão a menos, nada invalida, ou mitiga seu ressentimento.

A luz por detrás das costas aumenta minha sombra crucificada.

Um minuto de silêncio em respeito ao luto, és ninguém a ver.

Possivelmente ator diletante, ofuscado paira sobre o defunto momentâneo, mas o jogo de espelhos lhe corta as asas; e recair nos indícios dos sons que por convenção se interpretam, mensura a fragilidade do pano de fundo. Quando dos bastidores, sussurram a fala olvida, fim do primeiro ato.

Intervalo: um café e um quitute, mais o esperar da vida em ter nos olhos cortinas a desvelarem-se.

Perguntam-me, imiscuídos na tendência úrica para aplausos, se o espetáculo detinha o crédito da fidelidade à obra. Meu sentimento acredita que não houve representação.

Seria um esboço para novo movimento, mesmo pelas imperfeições.

O COPO D'ÁGUA

Nessa mesa sem espanto, silêncio consternador a absorver suposições, desdobrar da obviedade.

O copo d'água transgredia a mesa, sobrepujando sua própria sustentação; enquanto enfaticamente a mecânica interna, tal qual espelhos multifacetados em reflexos pungentes de esporos, cujo fervilhamento de rebentos contorce os limites do abstracionismo, caminha na complexa exatidão. Adotava heterônimos de circunscrição sigilosa; à luz da sombra descansavam olhares esquálidos em sinuosas ligações químicas, absortos na compleição fatídica aplaudiam a insipidez ressabiada de sua existência.

ODE A UMA MULHER

Somos personagens de um único papel, de um profundo arrependimento; e prostrar-se aos inevitáveis lamentos, retoma a saudade sentida mesmo na companhia. São insônias seguidas de alguns tragos de vícios (indiferentes para mim), povoando meu intervalo soturno.

Uivar e expurgar minhas alucinações para retrain meu ânimo, perder a sede para sorver o leite de teu corpo. Sem surpresa alguma, sucumbir nas injustiças desses lábios trêmulos, implorar perdão pela atroz condição de se esquecer e definhar.

Entorpecer tua imagem de cores térmicas, uma grande seqüência lírica a encaminhar destruição aos dons conscienciosos. A verdade é tua beleza oriental.

PROJETOR DE SLIDES

Não pondero. E penso que há tempos me falta esta sensação de harmonia, de quietude.

Mas agora sou completo, ao menos nesse agora que tenho medo, onde avisto seu adeus.

Deixem eles conversarem, é a inconsequência deles que me atinge, transportando para um sozinho.

As frases, após leitura, serão remontadas em uma sem ordem de possibilidades.

Costumo desagradar com açoites o amor que me aguarda.

Só escuto as vozes caminhando, em passos conjuntos, tentando formar um todo, inigualável.

Meias pretas, negras de sujeira, bordejantes ao contorno de alguns dedos dos pés.

Seja isso então, tomaremos um chá, e nada mais.

QUEM ESCREVE TEXTO É NARRADOR

Quem escreve este texto é um narrador-personagem, há de se convir que pela lei gramatical somente possa ser em primeira pessoa, precisamente singular no caso específico; no entanto, sou eu mesmo, por mais irônica que pareça a construção frásica feita. Ora elaboro desenvolvimentos causais, até mesmo meros acasos, ora participo da ação descrita, elucubrada por mim.

Teor de polêmicas pode vir à tona, haja vista a produção decorrente ser puramente subjetiva. Mas, o escritor que produz ou reproduz, sempre concebe a trama textual no seu intelecto para a partir de então dar aval ao publicado. Logo, posso deduzir a impossibilidade de ausência de originalidade, genuinidade. Tal argumento, creio, veste perfeitamente algumas mentes estreitas —em tese, não deveria carregar em braços paternos o leitor, a ponto de sentir necessário a explicitação do verbo crer conjugado devidamente, isso lê-se nas entrelinhas escritas—, contudo, sendo menos pedante, a lógica argumentativa tem a possibilidade de figurar em pensamentos obtusos, quanto maior seja ou esteja o grau de insanidade.

Agora entro em uma profusão de inconseqüências, pois imagino o limite fictício de separação entre prosa descrita e prosa vivida; aqui também poderia incorrer no igual artifício utilizado acima, diria que o vivido, por ser legível é descrito, assim exatamente ousaria enunciar, exprimir em palavras, que o descrito apenas é materializável daquilo vivido, ou daquilo que enquanto mentira ocupa espaço existencial —entenda-se vivencial—, análogo à conjectura anterior, em minha mente.

Talvez, após ler as palavras acorrentadas, sem mais esperança de movimento (no concernente aos próprios vocábulos), vislumbre um novo começo. Um início assaz desdenhoso, até superior ao sucedido, e displicentemente estaria me fartando de adversativas desmesuradas. E se o meu intento fosse verdadeiramente um brinqueado inútil, porém vivaz, fosse realmente uma chaga do ócio, e sem nenhum obstar se configurasse em algo producente, optaria por não deixar perguntas incompletas.

Confesso sinceramente àqueles que dialogarem com esse monólogo: parti beirando desventuras, encontrei não lugar. Oscilei, vacilei em campos; acuda-me a mácula cafeína digital, fábrica de logros táteis e odoríferos, sensíveis enfim.

RESUMO DO TEMPO

Quando gesticulo às fronteiras de meu corpo e à capacidade de absorção do olhar, entristeço minha vanglória criativa. Se obreiro culinário, entenderia por expressão máxima da arte pessoal um simples e meticuloso *foie gras* com pêssegos caramelizados, ou um ovo *póche* a sublimar em vinho tinto. Se arquiteto da música, violinos de Vivaldi, e trompete de Mr. Davis, e piano de M. Satie, e sax tenor de Archie Shepp.

Heterônimo de todos que conseguiram tornar concretos meus desconhecidos gostos, entanto seja eu apenas reproduzidor. Pois, nem unicamente incutir perfeição ao extraviado de mim, ao usurpado sem consentimento das evoluções de meu duplo praticarei portento —jaz o furto consumado, a permissão para que não me conheçam, para que não se reconheçam.

São inúmeras incompetências transtornadas em escusas, complexidades das quais me aparto, e aprecio. E aprecio todas as minhas criações futuras com diferentes nomes para mim mesmo, Rembrandt, Bacon, Tyner, Webster. Quiçá a permissão de se encantar seja um penhor narcisista. Mas encontre então, algum significado infantil, desprovido da dialética infensa.

Houve tempos que busquei ser um poeta menor, a minha juventude.

Agora.

ÚLTIMA POESIA

Um repente, e balbuciou canceroso a expressão de sua vontade, afagou com preciosismo aquele som arfado, posto que dirigido aos olhos de grávida. Um leito, forjado. Um cômodo, marsupial. O eco, retumbado na convexidade ocular dessa mulher acompanhada, fazia-lhe padecer escoriações pelo corpo decrépito, pele oxidada, murcha, sem desejo. Porque existe um prazer quando a letargia anui feridas na carne.

Sucumbamos aos fatos. Perpetrou pecado —auto-comiseração— de cobiçar o nascituro, tão avidamente que acreditou estar a prerrogativa do nascimento inerente às sobras de vida do seu interior. (Pensei em ilustrar tal fêmea sob infindos escopos, e mesmo por conjugações complexas. Nada obtive de satisfatório. Alguns eventos concorrem para tanto: uma descrição meramente estética apagaria o brilho da personagem; uma descrição sentimental tornaria-a piegas; por fim, inevitavelmente, um ensaio psicológico, o que certamente funcionaria como mote para tachá-la de insana. A prenhe, sei, c'est moi. Eu assinto lascívia aos desolados. Eu concedo vergonha latente aos puritanos.) Sucede o efeito à ação, perfazendo a ordem natural dos acontecimentos. Mas a criança, puramente um feto em formol.

Olhos de grávida desertou, carregando resquícios das lamúrias de ambos.

O que esboço na escrita não representa de fato aquilo figurado na mente, nem minha e nem tua, natureza ou erro, uma impressão de acidente ou daquilo que poderia ser. Existiria se fosse pela casa de alguma meretriz —a linguagem necessitada de disfarces para realmente se aparentar veraz, não a mulher, mas a morada como metonímia bizarra—, estaria subentendido nas linhas expressas, no texto abaixo do outro, sem o qual não permanece.

Sentir-me-ia impelido a traduzir os desvãos prontamente, e isso seria a tentativa grotesca de reproduzir os significantes de uma linguagem original.

VIDA BANAL

Algum dia, desatarás uma paixão. E por isso, sofrerás.

Algum dia, te desfarás de uma grande amizade. E por isso, sentirás saudade.

Algum dia, teu filho chamar-te-á de pai, teu pai, de homem, tua mãe, sempre de filho. E por isso, simplesmente sorrir.

VITA BREVIS, ARS LONGA

Soa como representação obscena o despertar do coágulo do meu próprio eu —extração provocada por empurrões íntimos propositais, desferidos conforme a vontade se evadia no íterim de passagens, concretas pontes de armazém, por objetos figurativos—; acordar brutalmente, não tão simplesmente na estética, tanto mais nessa causa desconhecida, sempre transmutada em complacência grupal. Espectro pessoal após operações cabalísticas, exatamente as unhas roídas e os cabelos desgrenhados companheiros, um imo sem olhar externo, fixa em mim dissonâncias de músicas perdidas; personagem atirado para outro lado de uma porta idosa semicerrada em desesperada intenção de se fulgir, todo igual à mecânica sistemática newtoniana. Uma celebração não sentida da sociopatologia e um desgarrar da perenidade, formaram conjunto sem teorias, exprimem violência à metafísica, então não mais desejada. Dor lancinante na minha supra-consciência desprovida de elos comigo mesmo, dor lancinante na minha supra consciência cujo caminho errático se perfaz de entropias situadas em casa velha cor de pobre, dor lancinante na minha vida que decorre e discorre em abstrações de matutinos sábados, dor lancinicamente estupefata de probidade; pois, faço ser preferível escarrar no pôquer de integração masculina à mórbida comiseração entre samambaias. Perdão se o gozo escorrer ao prazer, como nos movimentos peristálticos biológicos humanos, com o único porém de serem conotações sexuais, mas, que valha a página por plagiar, por poder ser bastantes livros, sem mesmo ao menos ela ter sido componente efetiva de uma publicação inteligível. Basta, portanto, tornar esvanecido de significado um significante do pensamento que seja complexo, por conseguinte, torná-lo novamente presente e por precisar, desvanecer outro significante, processo exigido *ad nauseam* para se seguir com análises extra-substanciais.

TRÍPTICO

À crença de que haja evolução na sabedoria

Em seu passo mais incerto assoviou a lesão que a consumira, por seu sopro, contentamentos de séculos passados se esvaíram adquirindo o frio e o reconforto do átimo em que névoa se exaure. Ao longo da busca por razão e prejuízo, à própria carne propunha peleja.

Alvejar prodígios não divisáveis, dilacerar suplícios não ressarcidos, representam para si a dor de toda arte.

Como viúva, padecer o luto estéril, isolar-se em um núcleo ínfimo perfeito, concedendo caprichos a quem dignar a ousadia de perturbá-la. Pertence por inteiro ao estupro da conjunção dos blocos quadridimensionais —espaço-temporais—, nos deslocamentos de íntimos esforços, e não mais.

À descrença de que haja expressão na morte

E descendo lanços de escadas espiraladas, respira as risadas da insanidade dessangrada —depaupera seus olhos enfim—; vertigem para o sistema tubular corpóreo. Não foi o bastante sutil para se dizer inexistente, nem tão suficientemente determinado para se dizer destino.

Quis mesmo aperceber o limite das trevas, se mais estupidez conseguiria suportar, por diluir no infinito tanto quanto fosse da natureza sobre-humana, até a dor isentar.

E resplandece a gratificação de produzir um —o— alegramento, incontestado porque simples, na lucidez dos mórbidos.

À crença de que no se expressar, em um *sensu* meramente vicário, transpondo nada além daquilo cuja escamoteação é um deletério da procedência intoxicada, haja evolução do conhecimento, o qual sem evadir o campo cognitivo, apresenta-se consumido

OPERAÇÃO ARITMÉTICA

X ao cubo resolveu inverter seu expoente e integrar uma derivada total, a qual sem mais nem menos passou a ser parcial. Por inúmeras vezes cortou relações com a classe ordinária, pois a existência de uma matriz radical era postulada. Caminhou pela mesma direção que os acréscimos das variáveis independentes tendenciosas –interpretadas como nulas. Fundou a incógnita do fator para a função do cálculo em progressão; firmou-se no conjunto dos naturais e isolou a intersecção, logo o mínimo comum sobrou no universo pertencente ao vazio. Fez questão de obter n respostas a partir do problema central, mas nenhuma satisfaz a igualdade da equação –eram diferentes, menores ou maiores, com o terceiro excluído. Subjugou o denominador, e perdeu todo o valor; conheceu o indefinido, o irracional, e o seu oposto; jogou dois dados em série, obteve proporção áurea no plano paralelo {espaço [infinito (ângulo reto) de comprimento] unívoco}. Supôs a identidade equivalente porque ninguém era inteiro. Acabou negativo para contradizer a hipótese. Multiplicou as raízes a fim de construir um gráfico *pizza*.

Síntese: sequer existe a possibilidade da prova teórica deduzir o volume que esgotou a probabilidade de acerto, resguardando para si somente (entre parênteses) a fração π .

Conclusão: a antítese demonstra a aceitação do princípio da tese.

Vozes às quais esbate olhar mortificado e renascido em migalha de pão bicada por pomba cianureta, perecem na audição canina de meus ouvidos sem rubro alvorecer da carne que encanece a estrutura mental, ora posta sobre inconvenientes pernas Charles Eames.

À espera de diesel

A LÁGRIMA DE UMA ESTRELA

Suspiros, os pensamentos refletidos em profunda depressão. Remorso à meia-luz no horizonte das fantasias; solitude dos títeres bailarinos amanhece nos galpões baldios. Mas a singela consolação, advinda da flor que se esqueceu, estende o sítio lôbreco de uma geometria sem valor, e provoca o contorno abstrato do domínio inconsciente.

A estrela canta seu pranto, abrilhanta com a única lágrima escorrida tua passagem através do canavial, concede engodos às paixões oriundas da altaneira responsabilidade de salvaguardar o comum pão.

HORA CONSOANTE

Com vigor de olhos baços, engasta-se o cimo carmim no anel astral de meu corpo; inflorescência, voz, percuciência, foz. Sintetizo todo universo em um o. Gozo nos lábios e nas botas. Pelas peles espargido, ungüento frívolo e inoportuno, *id est*, íntegros pensamentos; regato tépido coleia no períneo desta Vésper, e se desseca aos sorvos, e se refaz delambido.

Sob o poente, algo cediço, algo eterno, raciocina com arguta lógica matemática: benção é viver distante de si mesmo, em delírios alheios aliviar o sentimento dos deuses, em úberes lupinos se amamentar ou rijo pedúnculo esfolhar.

?

Algoz da minha degola, não percebes a mulher que amaste sob o fio cego do machado? O ventre que pariu os motivos de tua felicidade? A mão maternal pelo teu corpo acostumada? Os insultos relevados e a ignorância perdoada? Não percebes, ao fim, que tu expiraste enquanto eu o seduzia?

LULLABY

Rainha de copas soberana, me tem seduzido e acovardado quando tuas ancas coleantes vogam a continuação da espécie. Mostra a fertilidade ondear espumante no polêmico contorno da madona Jean Fouquet.

Obedeço a esse célebre desejo reprodutor, e espostejo o interior das coxas com requintes sadistas. Lacerando a sorvos inquietantes as mesmas marcas por mim mordidas, inflijo-te meu suplício, meu dó impotente, um sentimento de subversão e constrangimento.

Bonequinha de neve, enxerta teu juízo cabal no penedo dos oráculos, tua ferida sem cicatriz na turca cimitarra, para que no respeito, meu desprezo fecunde. Esfrega atordoad, na barba escanhoad, o suor da nuca sobrevivendo. Bebe a ordem que exaro, besunta teu pescoço fácil de estrangular.

Requeiro à noite pescar barracudas, arpões e *aqualung* munindo a empreitada; de um monomotor saltar em Cambodja; correr pela geada da Sibéria; ao choque de *dragsters*, explodir a caixa craniana, e traumatizar os sobreviventes da platéia assolada.

Baby, sweet baby, sleep well.

SOL HIEMAL

E desponta o sol, brisa nas mãos, aquele piêrrot tragicômico vagueia na história liqüefeita de uma cosmogonia restrita; aquela absoluta certeza de desaparecer ao final do ato perde-se em retratos dinâmicos, cujos espectros desfilam espetáculo politômico; aquelas emoções coletivas, vivas nos atos de glória, nas atas diplomáticas, no silente canhão, primavera tardia; aqueles amantes, pelas mais belas e as mais ríspidas maneiras separam-se; aquelas águas amargas na sombra de teu ódio; aquelas crianças afogadas, de esmalte nas unhas; aquela repressão com revolta respondida; aquele fortuito esgar no espelho do hotel; aquelas escaldantes algas, alimento dos românticos; aquele funeral de gaita-de-foles; guardados no jazigo de meu avô.

A repetição fonética de seu nome produzia um harmônico estalado no céu da boca, um transe sonoro derivado de um conjunto muito especial de escolhas.

Havia algo explicável apenas pela numerologia, o modo como a chamavam induzia a auto-hipnose, seu nome flutuava no Universo e verberava em sequências tonais.

No seu íntimo, sabia que não podia responder aos apelos dos pronunciamentos de seu nome, pois, em verdade, clamavam por um sorriso através da janela e isso, ela própria ensinara a desenhar.

E, por sublimar a atenção a si dirigida, revogou os poderes de sua individualidade, passando a exercer influência no trânsito de existência de cada filho seu.

A PARTIR DE UMA IDÉIA

Antes de vir à luz, sustinha um obtuso entendimento acerca da moralidade dos homens, a meio caminho da incompreensão. Apresentavam-se-me como valores fixos, inquebrantáveis, os quais sequer se podiam arquear, *grosso modo* eram orientações do bem proceder em contraposição ao vedado no outro extremo.

Nesses primevos anos, refluíam ordenamentos de espécies várias, desde a súcia dos infantes ignaros, rasgando o trajeto através da urbanidade social, ao circunspecto universo acadêmico, que para mim, fustigavam a vista embaciada pela tenra idade.

Ao me aproximar do ocaso da vida, retomei a concepção de que um sentimento inefável de amor sobrepõe as regras da convivência, inobstante os efeitos desastrosos para os envolvidos. Claro que, a aplicação do conceito não se dá *tout court*, tampouco indistintamente, é preciso a filigrana da experiência da velhice conjoinada com o *déjà vu* de um ato apaixonado.

A PORTA DA LUZ

A porta da luz aberta para outras portas em arcos de opacidade alva, dispostas em patamares invisíveis, sob o abrigo do útero de cristais sem passagem a tempos distintos. No lúmen transiente partido de suas escolhas, reflete-se a quase possibilidade de apagar memórias simétricas, condições da vida experimentadas em conjunto, daí a razão de sua simetria.

Ter como descrição que os acessos, ou túneis de passagem, fazem as vezes do conhecimento, enquanto ele mesmo não se basta para sustentar o tabernáculo da mente, alumiado pelas transgressões reprisadas de incógnitos.

Essa aparente calma nada traduz do estado de espírito que se aventura nas jornadas dos arcos níveos, antes indicia o desassossego de estar prestes a se tornar onisciente.

Todavia, não se deve deixar se perder entre as comutações, no hiato necessário ao descanso pós investidas, pois isso traria consigo uma falsa percepção de imutabilidade, quando em verdade, tudo no seu curso reclama concretização, aperfeiçoamento do caminho.

Assim se configuram as frequências dos harmônicos, o arranjo dos concertos, o desvario dos lunáticos.

AS IRONIAS SEMÂNTICAS

Iniciar um parágrafo com verbo parece depor contra a verve do escritor, se já não bastasse o uso em infinitivo, invariavelmente recai a escolha sobre a hipótese dos regulares.

Não acomete esse mal aqueles que optam pela negativa. Esses se sobressaem aos dados às ações, todavia sem qualquer destaque criativo.

Quanta ironia cabe nesta metalinguagem gramatical, se foge ao objetivo de fazer rir, é apenas elucubração perniciosa e agourenta.

Enquanto à dor cabe o papel de se saber vivo, mesmo que a contragosto, ou desgosto.

De uma forma ou de outra qualquer, nunca se entregam os pontos, antes, contabilizam-se para o balanço de determinação, onde serão apreciadas as questões de maior complexidade.

Ausente o mínimo resquício de elegância, o destino final está associado mais ao cumprimento de módulos *savoir-vivre*, e menos ao que se precipitou aperfeiçoar.

Assim é o tabuleiro das inspirações, repleto de senões e desacolhidas sentimentais, um carrossel de repentinas quebras de instantes, um espelho craquelado, que acabou esquecido na bolsa da amante.

BÍBLIA

És espectro de teu estro ao dinamitar o significado de cada palavra isoladamente, das expressões idiomáticas, das entrelinhas do contexto, e por fim, na intersecção entre elas cosida.

Veja que é bom conjugar um pensamento sem ser a ação sua inimiga; prezar o desenvolvimento das atitudes assentadas em carácter inamovível para ao menos não te definir pelos despojos, por aquilo ausente em ti, uma imagem amorfa construída por débeis irresolutos devido à pequenez de suas obras. Pois, não há gratidão para contigo mesmo se te esquivares do trabalho e da criação; constrói-se estima própria quando a peleja com atrozes fraquezas inerentes à espécie é iniciada.

Soubeste permanecer imperador de si, o conceito do desenganado ronin que insisto em manter, mas para tanto fora obrigado a renunciar aos vínculos do sangue, da carne, e da amizade.

INTERMISSION

1

As coisas não têm valor sentimental, as coisas têm valor enquanto coisas. E, os sentimentos não têm valor.

2

De todos os instantes, marca-me aquele infindável, que talvez eu não saiba sair.

Um rebento do meu livre-arbítrio, da minha livre vontade.

Meu sentimento posto à prova, a têmpera exata do florescer. Algo entre os raios solares e a penumbra dos meus sonhos.

3

Ir além significa soterrar o plausível e abraçar o incrível.

4

As dádivas que nos cercam representam o antônimo de nosso objetivo final, e por isso, insistem em avocar para si o poder de flertar com a nossa vaidade.

5

Uma ou duas palavras jamais serão capazes de discutir com todo o edifício da cordialidade.

6

Quando faltam arrebatos para a vida reluzir, faltam, de igual maneira, projeções de formação infantil, aquarteladas no mural de memórias.

7

Deveras penoso constatar o abismo ao se elevar na ponta dos pés da alma.

8

Porque caem lágrimas de orvalho, sou Natureza. Penso-me como a quem saído do ubere planetário, ressoando trovas e desafios no silêncio absoluto de uma inconsciência coletiva.

O desespero me aplaca, acalma a sanha erótica das letras, essa sensação que arrebenta o sistema respiratório.

9

Aquele que anima a corte sempre tem mais ouvidos, enquanto o que aponta os seus vícios é ostracizado ao argumento de se confundir com a doença anunciada.

LEMBRANÇAS

Pelo uso de um determinado recurso de linguagem, substituindo-se um ou outro termo, e para descrever qualquer relação que tenha como figuras comparativas uma abstração sentimental em dado tempo e no limite oposto, a total apatia subjetiva, é possível alcançar um estado incontrolável de êxtase, isso não implica na descrição da felicidade, antes um enlevo perante si mesmo, sensibilizado pelas feridas que não sofreu, não obstante possa ser também atribuído ao interstício mal deslocado das palavras ao silêncio.

Parece mesmo como ontem, à exceção dos seus pequenos olhos a me fitarem com ligeira indagação. Ainda não sei bem por onde começar, o que nada tem a ver com a narrativa de uma história, pois não se trata do relato de uma resistência ante o poder de encaminhar.

O que foge à magnífica habilidade de ordenar os contratempos previstos e a sobra de surpresas e questões as quais se me imporão condiz mais com a repetição da memória se comparado à evolução inexorável de minhas pequeninas infantes.

À exceção dos brinquedos que deixei propositadamente de recolher, parece mesmo que acordei de ontem. Não sei como começar, não por falta de traquejo ou sorte com aquilo predisposto, mais pelo vagar pusilânime da mente circumspecta em um período temporal da vida infinitesimal.

Se as recordações são iguais em cadeia de acontecimentos, então não há dúvida sobre o efeito moral produzido em si. Isso me agrada simplesmente pelo fato de ter sucedido construir bases sólidas para o desenvolvimento de seus caráteres.

A bem da verdade, não sei o quê começar com o espírito vazio, mas esse não é o caso. Ocorre, com certa frequência, confundir-me a plenitude e a escassez. E às vezes, a ausência absoluta antecede o passo brutal rumo em direção à ciência das coisas, em seu plano indefinível.

Se me passassem coerentes as explanações soltas por inquietação e que de todo tivesse uma força coesa, talvez lhes franqueasse maior campo de visão acerca do porvir. De qualquer modo, esse traço característico se mostra irrelevante a ponto de fadar o sacerdócio da paternidade, reputa, alfim, a uma qualidade da essência, e não da convivência.

Viajar nessa ponte mental, com alicerces no ontem e no horizonte, resgatando os fragmentos de uma reminiscência estilhaçada, consome o tempo de uma existência. E se a isso se denomina o começo, então, há de ser um começo estancado, ensimesmado, com a promessa dormente, ou melhor, latente, mercê de sua onipresença, de um encontro final onde, no interminável ontem, desperto-lhes com bom dia e um afetuoso beijo na fronte.

Ainda não sei se esse é o começo, ou por onde começo, apenas sinto que aqui uma parte incomensurável de mim se vai, pronta para construir sua própria ponte entre o presente e o que se esqueceu.

Às minhas duas filhas, Bhaja e Anja.

Afunilar no túnel sombrio das nossas decepções autocríticas, quase imperceptivelmente realizar que abdicar não é se privar, mas antes um levante de espírito, a travessia por uma ponte pela qual nunca mais retornará.

Eis a metáfora mais adequada ao meu caso, personagem arremido às situações fabricadas pelo entorpecimento dos sentidos, até mesmo por isso realmente convicto de que a singeleza do afeto só se mostra quando sutilmente envolvida na quietude de manifestações. Um oxímoro por sinal, deveras delicado o entendimento, se é que se pode assim dizer, esse toque magistral da Natureza, responsável por imiscuir felicidade aos olhos marejados e eletrificar a frequência tocada à surdina do espectro.

Ser capaz de enxergar a beleza de tudo sem que para isso esteja atônito em divagações psicotrópicas, sem que para isso se refira a si mesmo com orgulho, e para tanto, deixar cair os andrajos ao longo de seu vasto caminho, estar ciente de que quando perguntado, nenhuma resposta satisfará o interlocutor, assim também não refletirá a forma plena conquistada, ou melhor, premiada, pois se desconhece o propósito antes de com ele se deparar.

Sob aspecto algo descolado da publicidade da via seguida, sabe-se que silenciar ou não, pouco ou nada afetará a trajetória de quem queira ouvir e não tenha ouvidos, de quem sinta sem merecer, não a verdade dos atos, mas a ilusão dos fatos.

Parece-me bom agora, esse início vespertino do resto do meu dia.

PALIMPSESTO

Ler como a quem jamais tocou a sensibilidade do caótico saber, a leitura aperfeiçoada pelos ancestrais, daquilo que entendiam ou poderiam entender, dentro do limite de seu contexto, de seu Universo fracionado, retilíneo e esguio, a partir de lentes míopes.

(anos iniciáticos-história e positivismo)

Sem ser inteiramente desnecessário ou possível, uma espécie de arrebatamento de caráter, surgido na inesperada percepção de que as engrenagens da vida se moveram.

(pragmatismo)

A delicadeza de ser tocado e sofrer a reparação divina, por meio do sopro sutil, a clareza dos enigmas em constante desenvolvimento.

(celestial-espiritualidade)

Subjugado à concepção recorrente de uma entidade superior, a qual, no ápice de desvario, destrói a totalidade de suas idéias, para se servir do propósito de construir de modo diverso do modelo final colapsado.

A imagem não rara vez impressa na Filosofia, consubstanciada pelo Deus enganador de Descartes, na cultura oriental pela onipotência e alvedrio de Shiva, e, no outro extremo do mundo, em medidas mais distantes da régua temporal, o deus inca Huiracocha (Viracocha), Pacha kámaq (Costa central).

Claro que as particularidades e sofisticações das histórias têm liberdade poética autoral, mas a temática reluz idêntica.

Sob essa perspectiva, o intuito da lição consiste em alertar para o estado evolutivo em nível somente atingível quando a mente estiver preparada para abdicar dos grandes feitos atingidos, momento de equivalência com a humildade e despojamento de crenças.

Algo semelhante na cultura clássica, dentro da mitologia grega, ao se considerar a cosmogonia, Chronos destrona seu genitor, Urano, que de seu turno, perde a primazia para o seu rebento Zeus.

Eis a escalada pragmática do homem, a sucessão pelo filho, imbuído dos saberes depositados em si por seu criador, não na acepção celestial do termo, mas biológica, tal como doador do material genético.

Existe, todavia, a contraposição entre o que exprime um exacerbado apego à racionalidade e o falso enlevo da alma, defendido por ignaros das letras. Saber sopesar, identificar onde e quando o fiel da balança se desestabiliza, aqui reside o verdadeiro *savoir vivre*.

Isto é, posto em um alinhamento de identidades, a hipótese se revela apenas uma maneira de se interpretar as dádivas recebidas.

De outro Norte, a composição ajuda a formar o imbricamento cognitivo, as pontes do conhecimento, transitar para antes e depois, e, deixar ao longo do caminho um rastro de fuligem, de pó carbonizado nas veias de um corpo envelhecido.

Nesse estro, ascender ao incognoscível não representa o último estágio, pois o estado em que se está será, senão de todo, ao menos em parte, desconhecido.

Pelo que, onde se limita a arrogância, condiz exatamente com o grau evolutivo daquele que a externa.

Eis as limitações em trajas de soberba, as declarações de boa vontade feitas em boa conta, perdem um pouco o viço frente ao ranço que se toma ao adquirir personalidade despicienda.

Malgrado a experiência, fica forjada na consciência a desesperança de se confiar em quem dividiu sonhos, sem saber que atuava com o seu papel de demiurgo platônico, legando os resquícios de verdade ao asceta mendicante.

A linguagem, quando escusa, tende a ser metafórica, a despeito de o seu inverso não ser necessariamente.

Até que ponto escrever sem pensar, se o fluxo contínuo de imagens se traduz por uma sensação, talvez uma ligeira apreensão de outras distâncias, se no ocaso desse trilhar não mais existir um sentido amplo e factível, mas tão-somente migalhas de um confeitoiro aposentado.

Quantas transgressões foram exatas para que pudesse chegar nesse ponto? Se me ponho a pergunta, não sei precisar. Mas aqui, uma última grande transgressão ainda espreita.

Não sou quem dirá. De igual modo, não a saberei quando ocorrer.

PEQUENAS GRANDEZAS

Devagar no silêncio, rasgando com seus braços o negro oceano afótico de um quarto no qual havia a noite passado, com movimentos ziguezagueantes os olhos semicerrados em grande esforço se apercebiam do afogamento d'alma naquele espaço infinito antes de alcançar o interruptor para a luz.

No caminhar rasteiro, resvalando a relva formada por trançados de lã, entre choques com a movelaria ainda não aprendida, cometas lhe desferiam sutis golpes na ossatura abaixo da linha do flexório.

Um gosto ázimo se aproximava de seu palato, não como uma impressão vinda do exterior, mais como repulsa nauseabunda que nasce quando se passa por sobre retratos desfalecidos da Natureza. Sentia também atravessar cortinas de veludo úmido no caminho até a porta cuja entrada tinha se dado de modo tanto displicente, quanto pesaroso.

E no clarão fumegado pela singeleza do filamento incandescente, tomou forma em sua visão pessoas sobrepostas, translúcidas acovardadas, espargindo uma iridescência fúnebre, tão sentimental e indizível, seu fôlego estacou querendo engolir a saliva na esperança de um respiro que pudesse ser conveniente para aquele momento atroz.

Pensou que a sala deveria conter anos de tortura acumulados, violentamente formados a partir da irresignação da vontade. E de novo pensou, por cima do pensamento antanho exercido, que a ferida de todos abrisse uma fenda particular tétrica naquele espaço. E sentiu que a cena fixa apresentada diante de si nada mais era que uma fotografia no Universo, uma cicatriz de lembrança pela desaventurança incapaz de supor qualquer humanidade.

Esse incômodo autêntico ganhava matizes várias à medida que ia bordejando a escultura grotesca desvelada há pouco no centro de seu dormitório, de arroxeados musgos a concupiscentes azuis noturnos.

No seu íntimo intuiu que não podia de ali sair, primeiro porque a atitude lhe parecia por demais egocêntrica e jamais se permitiria abandonar a turba de desolados; em segundo lugar, pelo fato de estar imantado àquilo e sua condição física minada pelo excesso psíquico.

Seu estado de fraqueza recém adquirido se imiscuía no mundo presente no qual estava mergulhado, adquirindo ambos a mesma intensidade de aura, envoltos em viscoso negrume de matéria macilenta.

Mas a compaixão e o amor transformam, as engrenagens da vida dispostas em *moto perpetuo* ocasionavam de maneira leve a transição de humores, trocados à surdina por outros em ascendente de elevação, e tudo que era cor, tornou-se som.

A felicidade com que de surpresa foi tomado, construída em superação de muitos lamentos, presentificou-se à sua frente, refratada no prisma a imagem do Princípio.

PROPÓSITO, DESÍGNIO E DOM

Para os afetos à religiosidade, a pergunta certamente se pôs em algum momento na sua crença. Para os céticos, a reflexão tende mais ao egocentrismo.

O que se pretende relacionar, em uma escala individual variável, reputa àquilo tido por propósito de vida, ou desígnio divino, e em que medida se foi agraciado a fim de alcançar referido objetivo, ou quão grandioso o dom que lhe acomete.

No intuito de se navegar entre o campo místico e aquele pertencente ao mundo, necessário tomar a significação de dom como a mínima inclinação para se realizar determinada tarefa, e, sobretudo, com que elegância, refinamento da arte, operou-se o aperfeiçoamento do todo.

SONHOS I

Sonhos, aquela tentativa de beatificar os erros em desprestígio da incapacidade inconfessa de realizar objetivo sequer.

Estigmas sacrossantos de meu corpo, as chagas abertas e sem cicatrização, clamando o campo visual de toda a perspicácia.

Quase um mal-estar, vertido em composições de solilóquio, mais se assemelha ao início do que ao fim.

Ao fim se fosse fim, mas composto por começo.

Ao início, se o fim fosse por demais pesaroso e quisesse me enganar com a alegria do lampejar da vida.

SONHOS II

À nossa potência não é dado delimitar os anseios divinos, tampouco estabelecer em que grau ou forma nos presenteia ou incentiva.

Sempre de fundo, no murmurar ao baixo do ouvido, essa constância vibracional entre mim e ti. Uma corrente elétrica com dois sentidos opostos, o descalabro do despertar e o imergir no absoluto. Minha tangente com a realidade, semente do desassossego.

Nesse fugidio jogo de somenos importância, tanto quanto das sombras, verdade.

Mais do que falta de zelo, de poder de compreensão, é uma falta de leitura, a perfeita caixa de ressonância do sedentarismo intelectual.

VERSÃO 1

Olha-me nos olhos e diz que o esbranquiçar da fotografia não condiz com o passar do tempo conjunto. Desafia a mim a te exhibir em público, palavras que não encaixariam no teu modesto *savoir-vivre*. Vê-te a ti e me assossegue, um quinhão de prazer, outro de descompostura. Porque, deixar-me subjugar, mão mais é aceitável e tuas propostas são deveras mal-formadas. Apesar dos poréns, quero-te como quem mendiga amor.

VERSÃO 2

Olha-me nos olhos e diz que o esbranquiçar da fotografia não condiz com o passar do tempo conjunto. Desafia a mim a te exhibir em público, palavras que não encaixariam na tua modesta elegância. Vê-te a ti e me assossegue, um quinhão de prazer, outro de descompostura. Porque, deixar-me subjugar, mão mais é aceitável e tuas propostas são deveras mal-formadas. Apesar dos poréns, quero-te como quem mendiga amor.

Vós (i) significa todos, comigo excluído. Uma antecipação niilista sobre o que me acomete, ou um ato altruísta sobre o esquecimento de si. Não um ato propriamente, mais uma visão de mundo naïve, ingênua, na qual se sobrepassa o entendimento do indivíduo.

Essa voz não sai de mim, antes repercute em pensamento, sem peias morais, portanto, não se trata de uma parcela de consciência. Digo, a consciência em sentido lato, pois me parece óbvio que toda abstração reflexiva representa a ciência de sua existência enquanto ser.

Por esse compasso teço as linhas gerais do que deveria equivaler à voz da razão, todavia, de tal modo abstruso, capaz mesmo de exigir uma reconfiguração dos blocos cognitivos.

Ficção construída sobre o fio de esperança, fagueiras foto-reluzentes são as vozes do levante, as quais me distratam e me esculpem. Essa felicidade tardia, fruto da interposição de uma arrogância acadêmica.

Quase síndrome, imanente aos pequenos poderes, quase espetáculo, indissociável dos sentimentos, são voz da consciência, do meu pedaço de vida mostrado em explícito aos que não sabem ver.

Voz que não se cala, ao meio do dia madura, já logo após o nó na garganta que não se desfaz.

A voz de todos, a vós meus afeiçoados.

HERMES UREBE GUIMARAES

A literatura até a adolescência o desgostava. Somente após a leitura de Edgar Alan Poe, seu primeiro mestre, a paixão pelos livros surgiu como em floração. E, assim, seguiu a trilha dos inomináveis Dante, Goethe, Borges, Mann, Beckett, Cortázar, Musil, Yoshikawa, Clarice Linspector, Guimarães Rosa, Faulkner, e outros de menor relevo, a fim de lançar luz sobre a sua humilde percepção de mundo, o que o faz incansavelmente.

Excertos de Vida



www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Excertos de Vida



www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



www.facebook.com/atenaeditora.com.br